



O mercado da Amazônia



Saiba como uma alfândega que conferia o peso das “drogas do sertão” em Belém se transformou no maior mercado a céu aberto da América Latina

Comércio e colonização. Essas duas palavras sintetizam o espírito que animava os portugueses no início do século 17, quando se embrenharam pela misteriosa Amazônia. As chamadas “drogas do sertão”, que muitos de nós conhecemos com o nome de “especiarias” pelos livros didáticos, eram extremamente valorizadas no mercado europeu e cobiçadas por mercadores ingleses, holandeses e franceses. Evitar as incursões estrangeiras na busca por essas ervas aromáticas e plantas medicinais levou a Coroa a fundar, em 1616, o Forte do Presépio, com a ajuda de índios tupinambás, na entrada da floresta. Foi o início do pequeno aldeamento de Santa Maria de Belém do Grão-Pará.

O vilarejo nasceu ao lado de um atracadouro natural no igarapé do Piry, local onde, 72 anos depois, foi construída a casa de “Haver o Peso”, uma espécie de alfândega criada pelos portugueses que garantia a cobrança de impostos das mercadorias desembarcadas naquela que seria a primeira província portuguesa na Amazônia. O mercado Ver-o-Peso foi inaugurado com o mesmo espírito da cidade, uma identificação que se intensificou e transformou o gigantesco entreposto na alma de Belém.

Os belenenses se orgulham em afirmar que o Ver-o-Peso é o maior mercado a céu aberto da América Latina. Também não há quem diga o contrário. Afinal, apenas no setor de feira livre há 1.250 barracas cadastradas. Ali se encontra de tudo – desde as tradicionais hortaliças, frutas, verduras e temperos, até artesanato, cerâmica marajoara, brinquedos, roupas, sem contar as famosas erveiras e mandingueiras. “O Ver-o-Peso não é uma feira tradicional, é um

◀ O tacacá é um caldo feito com a goma da mandioca, e que também leva camarão, tucupi e jambu, uma erva aromática também conhecida como agrião-do-pará e agrião-do-brasil



“É porto de apenas chegadas. Todos ‘vão’ ao Ver-o-Peso. Para vender. Para comprar. Ninguém parte ‘do’ Ver-o-Peso. Nele não há lugar para adeuses.”

João de Jesus Paes Loureiro, no livro “Crônica Fotográfica do Universo Mágico no Mercado Ver-o-Peso”



impressionante complexo de comércio popular”, afirma o diretor do Departamento de Feiras e Mercados da Prefeitura de Belém, Luiz Carlos Silva, o Lula. Como todo economista que se preza, e com seus 23 anos de contato diário com o mercado, ele tem na memória os principais números que comprovam a dimensão do empreendimento: 5 mil trabalhadores, 50 mil visitantes por dia, R\$ 4 milhões de faturamento diário, 80 toneladas de peixe e 10 toneladas de açai diárias e por aí vai.

Mas, para os moradores da capital paraense, não são apenas os números que representam o Ver-o-Peso. O mercado é comércio, mas é também uma parte da cultura da floresta, um elo da cidade

▲ Mercado visto da baía de Guajará: águas abrigadas e linha contínua de cais

▶ Entregador de carne: um dos personagens que se misturam no universo do mercado







▲ Comércio multifacetado: barracas do Ver-o-Peso vendem de tudo. Aqui, mandíbula de peixe com garrafas de banhos milagrosos

▶ Amostras de temperos e pimentas, antes conhecidas por especiarias

à natureza, um mosaico de cores, perfumes e sabores que mistura a vida nessa metrópole de 1,4 milhão de habitantes com o interior da Amazônia, que ali aporta pelas águas da baía do Guajará. Um desses moradores é o fotógrafo Luiz Braga, que apresenta nessas imagens sua visão particular sobre o mercado. Aqui centenas de pessoas circulam e se integram naqueles 35 mil metros quadrados multicoloridos que tanto atraem brasileiros e estrangeiros.

O caos de cores está, por exemplo, nas garrafas com os banhos de cheiro preparados com as mais inusitadas misturas de plantas aromáticas pelas erveiras, as herdeiras de saberes do interior da floresta. Pelas mãos delas também é possível conseguir remédios para diversos males do corpo, enquanto as mandingueiras distribuem receitas e rezas para mau-olhado e problemas financeiros, no trabalho, no amor ou na família. Os nomes das garrafas e banhos milagrosos são criativos e um indicativo para seu uso: “pega não





“Belém, Belém acordou a feira/Que é bem na beira do Guajará/Belém, Belém, menina morena/Vem ver-o-peso do meu cantar/Belém, Belém és minha bandeira/És a flor que cheira do Grão-Pará.”

Chico Sena, compositor de “Flor do Grão-Pará”



▲ Cestos de açai: fruta amazônica faz sucesso em Belém. Cerca de 10 toneladas saem do Ver-o-Peso todos os dias para abastecer mercados e empresas de beneficiamento de polpa



▲ Miguel, filho de uma das erveiras do mercado, conhece segredos das plantas que só existem no interior da floresta

*“A canoa traz o homem/A canoa traz
o peixe/A canoa tem um nome/No
mercado deixa o peixe/No mercado
encontra a fome.”*

Max Martins, poeta paraense

me larga”, “chora nos meus pés”, “hei de vencer”. O uso de partes de animais nessas poções – principalmente nas que prometem resolver problemas sexuais ou nos preparos afrodisíacos – é desestimulado e combatido pela fiscalização, mas ainda é uma prática muito comum.

O complexo do Ver-o-Peso não é só o que vende. Sua importância arquitetônica se reflete nos setores de peixe (Mercado de Ferro) e de carne (Mercado Francisco Bolonha). Ambos foram construídos em estilo art nouveau no início do século 20 com ferro importado da Escócia, algo estimado em 1,1 milhão de toneladas do metal. Nos 80 boxes de pescados, chamados pelos locais de “talhos”, são vendidas 35 variedades de peixes vindas das mais diversas regiões da Amazônia e que são descarregadas diariamente na Pedra do Peixe, a doca em que os barcos atracam e se comercializa o produto no atacado. O comércio ainda é realizado a céu aberto, já que Belém não possui um entreposto específico para essa atividade.

O movimento dos pescadores só tem similar com o promovido pelos barcos que chegam com açaí para a área ao ar livre destinada à comercialização da fruta. Incontáveis “rasas” – cestos de palha com capacidade para 7 quilos – são descarregadas e vendidas durante a madrugada. Até as 6 horas, estima-se que 10 toneladas de fruta saem dali para abastecer mercados e empresas de beneficiamento de polpa para sucos, sorvetes e os mais diversos usos culinários.

Mais do que um cartão-postal, o Ver-o-Peso é o espaço para sentir a diversidade do povo de Belém e tatear um pouco do quanto a Amazônia tem a oferecer. É talvez o tênue limite entre os modos de vida do homem urbano e do homem da floresta, que, apesar de distintos, já dependem um do outro.